

Um Realinhamento Global em 2020: Declínio dos E.E.U.U., Ascensão das Economias Emergentes

por Francis Cripps, diretor da Alphametrics Ltd., e Terry McKinley, diretor do Centre for Development Policy and Research, SOAS

No **One Pager No. 62 do CIP** projetamos até 2015 o impacto sobre a economia global dos preços do petróleo em elevação, de um dólar em queda, de uma recessão estadunidense, e em seguida, do efeito do estímulo monetário e fiscal que o governo estadunidense implementou em resposta à crise. No processo, descobrimos que as perspectivas a longo prazo da economia estadunidense foram projetadas para piorar após 2015.

Portanto, para a nossa atual modelagem: 1) projetamos os resultados para 2020 em vez de 2015 e 2) assumimos como premissa um estímulo fiscal anual estadunidense considerável para 2008-2011 em vez de apenas para 2008. O total do pacote de estímulo – que se eleva a 0,5 por cento do PIB em cada ano na redução de impostos, gastos adicionais e incentivos ao crédito para investimento privado - deveria ajudar a economia estadunidense não apenas a escapar a uma grave recessão, mas também sair-se melhor a longo prazo do que inicialmente projetado.

Nosso foco neste One Pager é o impacto resultante de tal cenário sobre a própria economia estadunidense e sobre três grandes economias emergentes, Brasil, China e Índia. Note-se que consideramos constante, por ora, a postura da política destes três países.

Achamos que a renda per capita estadunidense começaria a cair após 2013, já que o impacto de estímulo fiscal por quatro anos por nós pressuposto se esgotou. Durante todo o período 2008-2020, o crescimento projetado da renda per capita estadunidense é de apenas 0,5 por cento ao ano, bem inferior ao da maior parte das outras economias desenvolvidas. Se o estímulo por nós pressuposto não tivesse sido aplicado, o resultado projetado teria sido muito pior.

Por que o Declínio dos E.E.U.U.?

Os principais determinantes do declínio estadunidense estão em problemas estruturais profundamente enraizados, tais como a persistência de um grande déficit em conta corrente e de um pesado endividamento externo. Apesar da desaceleração do crescimento estadunidense, o seu déficit em conta corrente é projetado para passar de -5,5 por cento do PIB em 2008 para -6,3 por cento em 2020.

Tomamos como premissa crítica que a desvalorização do dólar – que poderia desempenhar um papel complementar à política fiscal – cessaria em 2010. Isso seria necessário, concluímos, para conter as crescentes pressões inflacionárias (devido aos persistentemente elevados preços de combustível e os dos alimentos), bem como crescentes problemas de endividamento.

Em contraste com a estagnação e declínio dos E.E.U.U., a renda per capita da China é projetada para crescer a 4,7 por cento ao ano durante 2008-2020. Esta é uma desaceleração marcante de sua recente taxa de crescimento tendencial de 7-8 por cento, mas ainda elevada, em comparação com as previsões de taxas de países em desenvolvimento e de outros países desenvolvidos.

Devido à desaceleração global, especialmente à estagnação estadunidense, o substancial superávit em conta corrente da China em 2008, ou seja, 6,8 por cento do PIB, estaria cortado em três pontos percentuais cheios em 2020. E após 2020, enfrentaria novos desafios das suas crescentes importações de produtos manufaturados, matérias-primas e da energia de alto custo.

A Índia é projetada para prosseguir o seu atual ritmo de quatro por cento de crescimento do rendimento per capita até 2020, apesar da desaceleração global.



Uma vez que é menos dependente das importações da China, a sua conta corrente iria melhorar visivelmente, avançando de um déficit de -2,4 por cento em 2008 para um pequeno excedente de 0,5 por cento em 2020. Isto seria baseado em receitas cada vez maiores de serviços e crescentes exportações de produtos manufaturados.

A renda per capita do Brasil está marcada para crescer a um nível algo mais lento, porém ainda confiável de 3,4 por cento. O país se beneficiaria da demanda sustentada para suas exportações de mercadorias primárias e comércio intra-regional e investimento. Mas as suas políticas financeiras conservadoras, que empurram para cima o valor da sua moeda, implicam em que o seu pequeno déficit em conta corrente (ou seja, um negativo 0.3-0.4 por cento do PIB) teria pouca mudança em 2020.

Realinhamento Global

Dadas as tendências do crescimento de todos os países desenvolvidos e em desenvolvimento, projetamos que até 2020, haveria um grande realinhamento da economia global, com os Estados Unidos decaindo significativamente em importância e as três economias emergentes, assumindo maior proeminência.

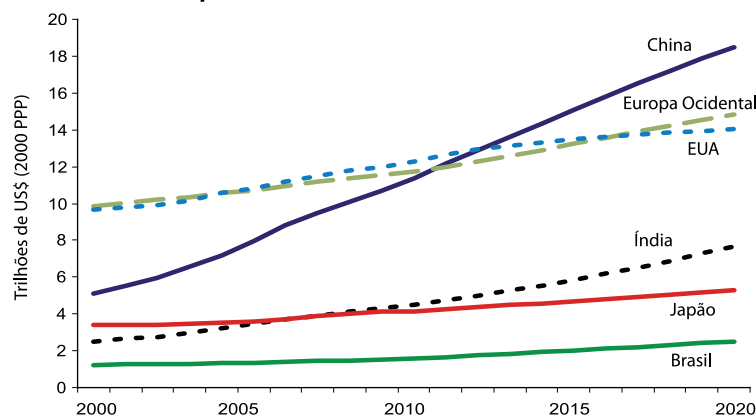
Em 2008, o tamanho da economia chinesa (medido em termos de paridade de poder de compra) era de cerca de 86 por cento da economia dos E.E.U.U. Em 2020, a percentagem correspondente seria de cerca de 132 por cento (ver Figura). Assim, a economia da China seria a maior do mundo, com a sua dimensão ultrapassando comodamente tanto a dos E.E.U.U. como a da Europa Ocidental.

A economia da Índia se ampliaria de cerca de 35 por cento E.E.U.U. da economia dos E.E.U.U. em 2008 para cerca de 55 por cento em 2020, e ultrapassaria o tamanho da economia japonesa, por cerca de 45 por cento. De um ponto de partida muito menor, o Brasil também adquiriria significativamente mais peso econômico. Por exemplo, sua economia seria cerca de 38 por cento maior do que a economia total da Europa Oriental e estaria se aproximando de um quinto da economia estadunidense

Estes resultados sugerem que haveria, provavelmente, mudanças político-econômicas sísmicas em 2020. Esta dinâmica seria ainda mais espetacular se as políticas econômicas da China, da Índia e do Brasil fossem ajustadas de forma a aumentar as suas perspectivas de desenvolvimento em longo prazo. Este é um tema a abordar em futuros documentos.

Este artigo é publicado conjuntamente com o Centre for Development Policy and Research. Veja a série Development Viewpoint no site <www.soas.ac.uk/cdpr>.

Tamanho das Principais Economias em 2020



O **Centro Internacional de Pobreza (CIP)** é um projeto conjunto do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e do Governo Brasileiro, que tem como finalidade a promoção da Cooperação Sul-Sul em pesquisa aplicada e treinamento sobre temas relacionados à pobreza. O CIP se especializa na análise dos temas da pobreza e da desigualdade e na provisão de recomendações para a formulação de políticas direcionadas à redução da pobreza. O CIP é diretamente vinculado ao Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), o qual elabora pesquisas no âmbito do Governo Brasileiro, e ao Bureau for Development Policy, PNUD.

O CIP publica Working Papers, Policy Research Briefs, edições da revista *Poverty in Focus*, One Pagers e Country Studies.

Para informações adicionais e acesso às publicações do CIP:
www.undp-povertycentre.org